

## CAPÍTULO 29

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca.v4.29>

### O IMPACTO DAS EXPERIÊNCIAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA SOBRE A SAÚDE MENTAL DO ADOLESCENTE E DO ADULTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

### THE IMPACT OF EARLY CHILDHOOD EXPERIENCES ON ADOLESCENT AND ADULT MENTAL HEALTH: AN INTEGRATIVE REVIEW

**NADIA GABRIELLE MUKAE IQUEUTI**

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Mato Grosso

**FERNANDA THAYS MUKAE IQUEUTI**

Médica formada pela Universidade Federal do Paraná

**YANA BALDUÍNO DE ARAÚJO**

Doutora em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba

#### RESUMO

**Objetivo:** Analisar os impactos das experiências vividas durante a primeira infância na saúde mental do indivíduo, tanto durante a sua adolescência como na sua vida adulta. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de abordagem qualitativa a partir de informações obtidas nos bancos de dados eletrônicos *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, *Scientific Electronic Library Online* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. Incluiu-se 28 artigos em língua inglesa e portuguesa, com texto completo e publicados entre 2018 e 2023. **Resultados e discussão:** A saúde mental na primeira infância é a capacidade de desenvolvimento psíquico da criança desde o seu nascimento até os seis anos de idade para formar relações interpessoais próximas seguras ao longo de sua vida enquanto experimenta, gerencia e expressa várias emoções, explora o ambiente e coleciona aprendizados. A primeira infância é marcada pelo rápido desenvolvimento cerebral e pela dependência em relacionamentos responsivos para promoção de segurança, estabilidade e cuidado. Dito isso, fatores adversos nessa fase sensível podem impactar na saúde mental da criança até a sua vida adulta, como a prematuridade e o baixo peso ao nascer, a relação entre o ambiente e a regulação emocional, a relação com os pais e o ambiente familiar e a medicalização da vida na primeira infância. **Considerações finais:** O estudo evidenciou a relação intrínseca entre as experiências vividas na primeira infância e a saúde mental do indivíduo. Além disso, ressalta-se a relevância do tema dada a prevalência alta de transtornos psiquiátricos, a possibilidade de intervenção em saúde mental dessa fase e a não familiarização das pessoas com o tema.

**Palavras-chave:** regulação emocional; saúde mental; transtornos mentais; pré-escolar.

#### ABSTRACT

**Objective:** Analyze the impacts of experiences during early childhood on an individual's mental health, both during adolescence and in adulthood. **Methodology:** This is an integrative review of the literature with a qualitative approach based on information obtained from the

electronic databases Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Scientific Electronic Library Online, and Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences. 28 articles available in English and Portuguese, with full text, and published between 2018 and 2023, were included. **Results and Discussion:** Early childhood mental health refers to the psychological development of a child from birth to six years old, enabling the formation of secure interpersonal relationships throughout their life. During this period, children experience, manage, and express various emotions, explore their environment, and accumulate learning experiences. Early childhood is characterized by rapid brain development and a reliance on responsive relationships to promote security, stability, and care. It is important to note that adverse factors during this sensitive phase can have long-term impacts on a child's mental health into adulthood, like prematurity and low birth weight, the interplay between the environment and emotional regulation, the relationship with parents and the family environment, and the medicalization of early childhood life. **Final considerations:** This study highlighted the intrinsic relationship between experiences in early childhood and an individual's mental health. Furthermore, the relevance of the topic is emphasized, given the high prevalence of psychiatric disorders, the potential for mental health intervention during this phase, and the lack of familiarity that people have with the subject.

**Keywords:** emotional regulation; mental disorders; mental health; preschool children.

## 1 INTRODUÇÃO

A saúde mental é uma peça essencial da saúde e do bem-estar, sendo fortemente influenciada por fatores econômicos, culturais e sociais (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022). Considerada uma fase privilegiada para intervenções psíquicas, a primeira infância, período entre o nascimento e os seis anos de idade, corresponde ao momento em que as capacidades cognitivas e não cognitivas estão sendo formadas para construir a base das habilidades sociais de qualquer indivíduo (Vescovi *et al.*, 2022). Desta forma, o adoecimento psíquico resulta da predisposição genética e da exposição precoce a adversidades que alteram a arquitetura cerebral, comprometendo o aprendizado, o desenvolvimento socioemocional e expondo a criança a mais problemas durante a sua vida (Gordon *et al.*, 2020). No entanto, aspectos relacionados à saúde mental ainda são negligenciados nesse período (Vescovi *et al.*, 2022).

Nos Estados Unidos, uma em cada sete crianças, com idades entre 2 e 8 anos, tinha um transtorno mental, comportamental ou de desenvolvimento diagnosticado (Cree *et al.*, 2018). A nível mundial, a prevalência de transtornos psiquiátricos em crianças e adolescentes é de 13,4%, sendo os mais frequentes a ansiedade (6,5%), o transtorno de comportamento disruptivo (5,7%), o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (3,4%) e a depressão (2,6%). Caso se considere a prevalência em crianças que não preenchem completamente os critérios diagnósticos para um transtorno, porém apresentam sintomas clínicos, esses valores podem ser ainda maiores: 26% no total (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022).

No âmbito emocional, a capacidade de regular as próprias emoções se inicia já nos primeiros meses de vida: aos 03 meses, o bebê começa a reconhecer e a responder aos diferentes estados emocionais; aos 02 anos, identifica e nomeia o que é felicidade e o que é tristeza; e aos 05 anos, reconhece e rotula raiva, medo, repugnância e surpresa. Essa habilidade de reconhecer e rotular emoções melhora a habilidade social e a competência acadêmica, bem como protege de problemas comportamentais na adolescência. A ausência de uma boa regulação das emoções implica um déficit no autoconhecimento emocional, o que é considerado um mecanismo psicopatológico de distúrbios psiquiátricos, principalmente a depressão (Elsayed *et al.*, 2021). Seguindo essa linha e com base na Teoria do Apego de John Bowlby, a psicologia defende que o tipo de apego presente na primeira infância também é crucial para a regulação emocional e, conseqüentemente, para o desenvolvimento psíquico e social das pessoas. De todos os tipos de apego, o apego inseguro seria um dos grandes fatores psicopatológicos. Assim, uma vez que as inseguranças do apego sejam abordadas, a criança experimenta maior resiliência e melhoria geral da saúde mental. Caso o apego inseguro seja mantido, ela está exposta ao adoecimento psíquico, podendo apresentar depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e distúrbios alimentares ou de personalidade (Gordon *et al.*, 2020).

Organicamente, nos primeiros anos de vida, o cérebro desenvolve-se mais rápido e encontra-se mais vulnerável aos efeitos do trauma e do estresse. Dentre os eventos com potencial traumatizante que afeta negativamente a saúde física e mental, incluem-se o abuso e os maus tratos, negligência parental e disfunção no ambiente familiar, além de dificuldades econômicas severas, fome, traumas médicos, desastres naturais, bullying, discriminação, situação de rua ou de deficiência e guerra (Barnes *et al.*, 2020). Tais experiências ativam repetidamente respostas fisiológicas e neurológicas crônicas que despertam a vulnerabilidade do indivíduo, afetando sua função cerebral e o seu comportamento de forma duradoura por meio da desregulação do circuito neural e suas conectividades (Muscatello *et al.*, 2019). Além disso, também pode ocorrer uma desregulação no circuito imune neuroendócrino que resulta em alterações no cérebro durante períodos sensíveis (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022).

Basicamente, a função cerebral é intimamente afetada pelas experiências aversivas precoces, pois o estresse prolongado possui efeitos sobre a ínsula, amígdala, córtex pré-frontal e hipocampo, estruturas cerebrais envolvidas em redes de conectividade intrínseca. A Rede de Saliência, uma dessas redes, envolve tanto a amígdala como a ínsula e é particularmente relevante para respostas ao trauma. Ela é responsável por atribuir significado ou saliência a estímulos, orientar recursos de atenção e manter o equilíbrio entre o foco de atenção interno e externo. Considerando que a saliência é influenciada por memórias e experiências anteriores,

impulsos e estado psicológico e/ou emocional atual, tem-se enfatizado o papel do estresse na primeira infância em transtornos psicóticos, neurodesenvolvimentais e neurodegenerativos (transtornos do espectro autista, demência frontotemporal, sintomas neurológicos funcionais), bem como em transtornos afetivos (depressão e ansiedade) (Muscatello *et al.*, 2019).

O ambiente em que a criança está inserida é outro fator que pode levar a modificações no epigenoma das células, alterando a estrutura e a função dos órgãos. Mais de 200 milhões de crianças com menos de 5 anos não alcançam o seu potencial de desenvolvimento pela exposição a inúmeros fatores de risco, como pobreza, desnutrição e ambiente doméstico hostil (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022). Além disso, crianças entre 0 e 3 anos de idade são mais propensas a sofrer algum tipo de maus-tratos, especialmente as portadoras de necessidades especiais, e estima-se que entre 5 a 8 milhões de crianças por ano testemunham violência doméstica e em 50% desses incidentes, as crianças também são vítimas (Gordon *et al.*, 2020). Analisando mais a fundo, nota-se que esses ambientes emocionais adversos com ausência de uma figura que desempenhe o papel esperado de cuidador tendem a proporcionar uma experiência negativa frequentemente negligenciada: os maus tratos emocionais, no qual há obstrução persistente ou extrema das necessidades emocionais básicas da criança. Como há um alto nível de dependência inicial no relacionamento com os pais na primeira infância, os maus tratos são uma influência patogênica para o desenvolvimento de distúrbios psiquiátricos e problemas comportamentais, sendo importante sua abordagem por profissionais (médicos, psicólogos, entre outros) na prática clínica (Schlensog-Schuster *et al.*, 2022).

O presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos que as experiências vividas durante a primeira infância na saúde mental do indivíduo, tanto durante a sua adolescência como na sua vida adulta. A compreensão sobre as problemáticas envolvendo as patologias psiquiátricas é de suma importância nos dias de hoje dado o aumento tanto da prevalência como da incidência de distúrbios psíquicos em todos os países nos últimos anos.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de abordagem qualitativa, combinando-se estudos de diversas metodologias e integrando-se os resultados a fim de ampliar as possibilidades de análise da literatura médica sobre a saúde mental na primeira infância. Primeiramente, estabeleceu-se “Como as experiências vividas na primeira infância impactam a adolescência e a vida adulta do indivíduo?” como questão norteadora para a elaboração desta revisão.

A busca bibliográfica ocorreu nos meses novembro e dezembro de 2023 e baseou-se no

banco de dados eletrônicos *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), com estudos publicados no período de 2018 a 2023. Foram utilizados os descritores cadastrados no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) “preschool children”, “mental health”, “mental disorders” e “emotional regulation”, os quais foram combinados com o operador booleano AND para filtrar os estudos de acordo com o tema, reunindo-se um total de 96 artigos após a leitura dos títulos dos trabalhos.

Estabeleceu-se os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados na íntegra em texto completo, escritos na língua inglesa ou portuguesa, nos últimos cinco anos (2018 a 2023). Foram excluídas 21 publicações após leitura minuciosa dos resumos disponibilizados e 47 estudos após a leitura do texto na íntegra, pois tratavam-se de trabalhos que não contemplavam o objetivo do estudo ou eram artigos na modalidade de tese e dissertação. Artigos duplicados foram contabilizados apenas uma vez. Assim, foram selecionados 28 estudos para o desenvolvimento desta revisão.

Ademais, foi dispensada a análise e parecer de aprovação do Comitê de Ética em pesquisas envolvendo seres humanos (Resolução nº 466/2012), por não se tratar de uma pesquisa clínica envolvendo animais e seres humanos, sendo caracterizado como um estudo secundário baseado na coleta de informações disponíveis e de livre acesso.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira infância é caracterizada pelo rápido desenvolvimento cerebral e pela dependência em relacionamentos responsivos para promover segurança, estabilidade e cuidado, fundamentando a base da saúde física e mental da criança. Por ser um período de desenvolvimento sensível, estressores adversos têm efeito neurológico, metabólico e imune deletérios (Kaminski *et al.*, 2021). Nessa fase, a saúde mental envolve o desenvolvimento psíquico da criança desde o seu nascimento até os seis anos de idade para formar relações interpessoais próximas seguras em toda sua vida enquanto experimenta, gerencia e expressa uma ampla gama de emoções, explora o ambiente e coleciona aprendizados (Goodman, 2019).

Grande parte dos transtornos psiquiátricos inicia-se nos primeiros anos de vida. Nos Estados Unidos, estima-se que 17,4% das crianças entre 2 a 8 anos possuem algum distúrbio psiquiátrico. Também constatou-se que o diagnóstico geralmente ocorre antes dos 14 anos em 1/3 dos indivíduos com Transtorno de Espectro Autista (TEA), enquanto o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) aparece nos anos pré-escolares. Já os transtornos

de ansiedade emergem na infância e têm seu pico na adolescência, com a ansiedade de separação antecedendo a ansiedade generalizada (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022).

Reconhece-se a existência de associações específicas entre as experiências adversas na infância com as doenças psiquiátricas no adulto. Na depressão em idade adulta, por exemplo, foram encontradas associações entre tensão familiar e pobreza na infância (Bruni *et al.*, 2018). Entretanto, essa associação entre experiências adversas na infância e saúde mental é pouco abordada pelos profissionais da saúde. Para destacar a importância desse tema, a Academia Americana de Pediatria, em 2012, recomendou aos pediatras que perguntassem aos pais e às crianças sobre experiências adversas. Contudo, um estudo estadunidense apontou que 61% dos pediatras não perguntam sobre essas experiências (Loveday *et al.*, 2022).

### 3.1 Psicopatologia infantil

A psicopatologia infantil é baseada na emocionalidade negativa, que captura o limiar, a quantidade e a intensidade de experimentar emoções; na inibição comportamental que se manifesta quando a criança é exposta a situações novas ou arriscadas e abrange a timidez, o medo e a retirada de situações sociais novas; na extroversão que determina o afeto positivo, a busca por prazer e a impulsividade; e no nível de atividade que captura o movimento físico da criança. Considerando que as emoções são respostas desencadeadas por eventos marcantes no ambiente que provocam mudanças em nível comportamental, experiencial e fisiológico, o excesso de emocionalidade negativa pode levar a uma regulação emocional deficiente, prejudicando a saúde mental da criança (Kostyrka-Allchorne; Wass; Sonuga-Barke, 2019).

Na primeira infância, a psicopatologia é dividida em problemas externalizantes e internalizantes, que atuam como precursores do desenvolvimento de transtornos mentais (Huber; Plötner; Schmitz, 2018) e são resultado da interação entre inibição comportamental, extroversão e nível de atividade. Problemas internalizantes abrangem comportamentos de retraimento ou excessivamente controlados, como depressão, sintomas somáticos e ansiedade. Problemas externalizantes abrangem comportamentos desinibidos ou de ação, como agressão, violação de regras e problemas de conduta (Kostyrka-Allchorne; Wass; Sonuga-Barke, 2019).

Por último, deve-se analisar a adaptabilidade, o traço abordagem-esquiva e a qualidade do humor da criança. A adaptabilidade é a capacidade de se adaptar a novas situações, sendo um fator mais relacionado à ansiedade, à depressão e ao abuso de substâncias. Já o traço abordagem-esquiva refere-se à forma de reação individual a situações e a pessoas, relacionando-se com extrema timidez, retraimento e ansiedade sociais, bem como associa-se à dificuldade em fazer amigos e se sentir desconfortável entre estranhos, o que pode associá-lo a

síndromes psicóticas. A qualidade do humor também parece aumentar o risco de psicose, particularmente no humor variável e instável (Brannigan *et al.*, 2020).

### **3.2 A prematuridade e o extremo baixo peso ao nascer**

Um dos primeiros possíveis eventos da primeira infância é a prematuridade, que está relacionada a um pior desenvolvimento socioemocional. O cérebro prematuro pode apresentar mudanças na eficiência das sinapses, perda de volume, ventrículos aumentados e alterações na mielinização. Outra circunstância desfavorável é o extremo baixo peso ao nascer, associado a desatenção, a hiperatividade e a internalização dos problemas na infância e na adolescência, além de maiores taxas de problemas sociais, de depressão e de ansiedade no adulto (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022).

### **3.3 Relação entre ambiente e regulação emocional**

Nos primeiros anos de vida, o rápido neurodesenvolvimento influencia a saúde mental não somente na infância, mas também na adolescência e na vida adulta. Em outras palavras, cuidar da saúde mental do bebê e da criança pequena pode afetar significativamente toda sua trajetória de vida. Assim, é importante preconizar medidas de intervenção preventivas sobre índices específicos de saúde mental infantil, como temperamento, regulação socioemocional, dificuldades comportamentais e desenvolvimento cognitivo (Goodman, 2019).

De acordo com o modelo bioecológico de Bronfenbrenner, a criança possui papel ativo em seu desenvolvimento, com suas características individuais (temperamento, inteligência, capacidade de resolução de problemas, regulação emocional, comunicação verbal, empatia e autoconfiança) interconectando-se com os fatores ambientais, como o status socioeconômico (Scattolin; Resegue; Rosário, 2022), além de possuírem uma relação bidirecional com o desenvolvimento de distúrbios psiquiátricos a depender do seu contexto social. De manifestação precoce na vida, o temperamento influencia a forma como o indivíduo responde ao ambiente, sendo um potencial marcador precoce de risco para psicopatologia no futuro. Além disso, ele é um precursor da personalidade, podendo fornecer uma indicação precoce daqueles em risco de psicose (Brannigan *et al.*, 2020).

As qualidades do local físico onde a criança cresce também são essenciais para a promoção de um estado mental saudável. Dentre elas, tem-se os recursos institucionais do local, como presença de natureza/ locais abertos, segurança e infraestrutura disponível. De todos os espaços físicos, as residências com natureza e espaço público aberto parecem reduzir o estresse, além de oferecer oportunidades à criança de realizar atividade física e de socializar, sendo

benéfica sua competência social. Já os serviços e a infraestrutura, quando de qualidade, promovem tanto saúde como educação, visto que as crianças que frequentam a pré-escola apresentam melhorias na saúde mental, reduzindo a chance de desenvolvimento de problemas mentais, principalmente para aquelas economicamente desfavorecidas (Alderton *et al.*, 2019).

Outra questão envolvendo o desfavorecimento socioeconômico é a insegurança alimentar. As experiências negativas associadas à insegurança alimentar na primeira infância influenciam tanto a saúde física quanto corroboram para o desenvolvimento da capacidade de internalizar e externalizar problemas, contribuindo assim para a sintomatologia depressiva e ansiosa na adolescência. Além disso, a exposição precoce à insegurança alimentar pode influenciar o desenvolvimento de depressão materna, bem como aumentar o estresse entre os pais, colocando os adolescentes em risco de depressão e ansiedade (Hattem *et al.*, 2020).

### **3.4 Relação com os pais e o ambiente familiar**

Na infância, os pais participam significativamente do desenvolvimento cerebral dos filhos, especialmente em relação à conectividade entre regiões corticais e subcorticais (Kopala-Sibley *et al.*, 2018). As intervenções parentais, portanto, são capazes de promover tanto o aprendizado como melhorar o desenvolvimento cognitivo, motor e de linguagem (Jeong *et al.*, 2021), com a construção da base socioemocional da criança a partir da regulação de suas respostas ao estresse para a adaptação psicológica ao ambiente (Barnes *et al.*, 2019). Desta forma, o uso de estratégias adaptativas de enfrentamento pelos pais, comportamentos parentais positivos e a construção de relacionamentos parentais sólidos promovem, nas crianças, a aquisição de capacidades socioemocionais e regulatórias, além de aprimorar a saúde física e mental ao longo da vida (Buka *et al.*, 2022). Por outro lado, recursos adversos dos cuidadores (como saúde mental prejudicada), ausência de um relacionamento parental nutridor (hostilidade, negligência, comportamento punitivo dos pais), violência intrafamiliar e o ambiente físico doméstico (medo e perigo) afetam negativamente a saúde mental das crianças (Barnes *et al.*, 2019).

A depressão perinatal e a ansiedade perinatal prejudicam o desenvolvimento das crianças, com efeitos adversos sobre sua saúde mental (Goodman, 2019). Essas crianças mostraram ter taxas mais altas de apego inseguro, menos comportamentos pró-sociais e mais dificuldades temperamentais, problemas internalizantes e externalizantes, bem como problemas relacionados aos pares (Rogers *et al.*, 2020) e prejuízo cognitivo. Recém-nascidos expostos à depressão materna mostram comportamento mais desregulado, como sono perturbado/desorganizado e temperamento difícil, o que pode aumentar reciprocamente a depressão



materna (Goodman, 2019). Quando presentes na fase pós-natal, a ansiedade e a depressão materna reduzem a capacidade de mãe responder sensivelmente ao bebê e de estabelecer uma ligação segura com o filho. Desta maneira, enquanto a depressão pós-natal tem sido associada ao desencorajamento materno, a ansiedade pós-natal tem sido associada à parentalidade excessivamente intrusiva (Rogers *et al.*, 2020).

Apesar da educação rigorosa não se configurar um tipo de maus-tratos infantil, ela afeta negativamente o desenvolvimento socioemocional das crianças (Speyer *et al.*, 2022). A educação rigorosa envolve penalidades corporais (como palmadas) e agressões psicológicas, incluindo atos verbais e simbólicos por parte do cuidador, que causam à criança dor psicológica, medo, intimidação e/ou ameaça. Isso pode aumentar o estresse fisiológico e psicológico, tornando a criança mais suscetível ao adoecimento psíquico. A estimulação repetida do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal por experiências estressantes durante a infância pode desregular os sistemas neurofisiológicos que sustentam a saúde mental, emocional e comportamental quando ocorre nova exposição a estressores em fases mais avançadas da vida. (Calhoun; Ridenour; Fishbein, 2018). Em relação ao desenvolvimento comportamental, a relação é bidirecional, visto que os problemas comportamentais infantis podem colocar uma pressão adicional nos comportamentos parentais e reforçar a prática de técnicas rigorosas educacionais (Speyer *et al.*, 2022).

Outro fator que possui papel central na regulação do comportamento da criança é a hostilidade materna, a qual aumenta a conectividade negativa entre a amígdala e regiões frontais, parietais e insulares. Outras adversidades precoces, como estresse, maus-tratos e criação institucional também estão associadas ao desenvolvimento de uma conectividade cada vez mais negativa entre a amígdala e o córtex frontal. Assim, o cuidado adverso no início da vida está associado a uma capacidade alterada de regulação emocional do cérebro em desenvolvimento (Kopala-Sibley *et al.*, 2018).

O divórcio dos pais é um evento cada vez mais comum que afeta a dinâmica familiar. As crianças com pais separados apresentam menor desempenho acadêmico, menor adaptação psicológica e de conduta, menor autoconceito e menos relações sociais, o que repercute negativamente no seu bem estar e na sua saúde mental. Entretanto, quando os pais praticam a custódia compartilhada, a criança demonstra menos sintomas psíquicos e um melhor bem estar. Analogamente, essas crianças em custódia compartilhada com pais separados possuem sintomas levemente maiores e bem estar ligeiramente piores se comparadas às que não possuem pais divorciados (Hjern *et al.*, 2020).

A existência de uma relação cuidadosa entre pais e filhos é um fator protetor para o

adoecimento psíquico dado que as crianças confiam em seus cuidadores para regular o efeito do estresse (Kaminski *et al.*, 2021). Interações positivas, sintonizadas e carinhosas entre pais e filhos impactam o cérebro em desenvolvimento de maneiras que aprimoram respostas adaptativas ao estresse e ajudam a promover o desenvolvimento de estratégias resilientes de enfrentamento, encorajando as crianças a enfrentar as adversidades e a melhorar sua saúde mental. Relacionamentos precoces saudáveis são responsivos e contingentes, promovem apoio, são previsíveis e estáveis, transmitindo segurança. A capacidade familiar em proporcionar um ambiente saudável no qual esses relacionamentos precoces prosperam também é impactada pela disponibilidade de fontes adicionais de apoio social, incluindo família extensa, amigos, educadores e membros da comunidade, além de contar com recursos econômicos e ambientais adequados, incluindo uma fonte confiável de cuidados com a saúde. (Buka *et al.*, 2022)

Em suma, as dificuldades emocionais e comportamentais dos pais podem prejudicar a qualidade da parentalidade, com implicações acentuadas para o desenvolvimento mental e emocional da criança. (Goodman, 2019). Elevada negatividade, falta de resposta sensível contingente e disciplina ineficaz são observadas entre pais que enfrentam estressores significativos ou que têm déficit na regulação emocional ou transtorno mental diagnosticado. Portanto, tratar os sintomas psíquicos dos pais pode melhorar significativamente o funcionamento da criança e reduzir as queixas psíquicas nas mesmas, sem estabelecer um tratamento infantil específico, assim como tratar efetivamente as preocupações com a saúde mental infantil pode melhorar o bem-estar dos pais. (Buka *et al.*, 2022)

### **3.5 Medicalização da vida na primeira infância**

O termo medicalização da vida refere-se à disseminação iatrogênica de fármacos para a promoção de um estilo de vida mais qualitativo em um cenário que transforma questões sociais em patologias orgânicas (Silva; Foratti, 2020). Como resultado desse fenômeno, várias crianças começaram a ser enquadradas em uma série de classificações nosológicas, ocorrendo uma epidemia de diagnósticos psiquiátricos, como o TDAH e o TEA (Moura *et al.*, 2022).

Nota-se a existência de uma dificuldade generalizada em se estabelecer o limite entre o “normal” e o “patológico” (Silva; Foratti, 2020). Estatisticamente, os dados são alarmantes: de acordo com a Organização Mundial da saúde, em 2003, 20% das crianças e adolescentes, mundialmente, apresentavam transtornos mentais incapacitantes; no Brasil, em 2005, o Ministério da Saúde afirmou que 10 e 20% de crianças e adolescentes sofriam de transtornos mentais e, dentre estes, de 3 a 4% precisavam de tratamento intensivo. Nos Estados Unidos, dentre as crianças menores de seis anos atendidas pelo Medicaid da Flórida, metade havia

recebido o diagnóstico de TDAH e cerca de 18% o diagnóstico de transtornos disruptivos, com 83% destas crianças em uso de algum psicofármaco (Pande; Amarante; Baptista, 2020).

Em meio à epidemia de doenças psiquiátricas na infância, ocorre a prescrição abusiva de fármacos, visto que eles representam um cuidado imediato e ocupam um papel central no tratamento psiquiátrico. Entre 2000 e 2002, houve um aumento de 48% na prescrição de antidepressivos entre crianças brasileiras e de 68% entre as crianças britânicas (Silva; Foratti, 2020). Também foi registrado um aumento da prescrição do metilfenidato para crianças diagnosticadas com TDAH e para uso performático, como melhor desempenho escolar ou em concursos. Estima-se que, em 2014, pelo menos 10 mil crianças norte-americanas entre 2 e 3 anos de idade usavam medicamentos para TDAH (Pande; Amarante; Baptista, 2020).

Considerando que a maior parte dos psicofármacos prescritos para crianças não têm autorização das agências reguladoras para serem usados nessa faixa etária, a supermedicação em menores de 06 anos de idade é uma grande preocupação de saúde. Como há poucos ensaios clínicos com essa população vulnerável, os riscos, benefícios e efeitos adversos dos fármacos são pouco conhecidos antes da comercialização (Pande; Amarante; Baptista, 2020). Para agravar a situação, há evidências na literatura médica de que alguns remédios interferem no processo de desenvolvimento e maturação do cérebro infantil (Silva; Foratti, 2020), além de estarem associadas a Síndrome de Dress, agravamento de depressão e tentativas de suicídio, síndrome neuroléptica maligna, efeitos extrapiramidais, problemas metabólicos e cardiovasculares, como obesidade e diabetes (Pande; Amarante; Baptista, 2020).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, foram analisados os impactos das experiências vividas durante a primeira infância na saúde mental do indivíduo, tanto durante a sua adolescência como na sua vida adulta, diante do exposto, torna-se evidente a relação intrínseca entre as experiências vividas e a saúde mental desse público. Isso decorre do fato da primeira infância ser uma fase de rápido neurodesenvolvimento com sensibilidade notável a experiências que nela ocorrem e que contribuem para a formação da capacidade cognitiva e inúmeros aprendizados, bem como modelam a personalidade e as características do indivíduo. Desta forma, eventos adversos nesses primeiros anos (maus tratos, prematuridade e extremo baixo peso ao nascer e negligência), o ambiente físico e como a criança se relaciona com esse espaço, a maneira como é feita a regulação emocional da criança, a relação social dela com os pais e outras pessoas e a medicalização são fatores que impactam de alguma forma a saúde mental, predispondo à

psicopatologias futuras.

Ressalta-se a relevância do tema abordado neste estudo dado que a primeira infância se mostra uma fase privilegiada para intervenções na saúde mental. Assim, enfatiza-se a importância do conhecimento das experiências a fim de evitar possíveis psicopatologias na vida adulta, ainda mais na realidade atual em que transtornos psiquiátricos são tão prevalentes na população e tal tema tem se mostrado pouco explorado e conhecido entre os pediatras, os pais e as crianças.

## REFERÊNCIAS

ALDERTON, Amanda *et al.* Reducing Inequities in Early Childhood Mental Health: how might the neighborhood built environment help close the gap? a systematic search and critical review. *International Journal Of Environmental Research And Public Health*, [S.L.], v. 16, n. 9, p. 1516-1539, 29 abr. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16091516>.

BARNES, Andrew J. *et al.* Identifying adverse childhood experiences in pediatrics to prevent chronic health conditions. *Pediatric Research*, [S.L.], v. 87, n. 2, p. 362-370, 17 out. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41390-019-0613-3>.

BATES, Randi A. *et al.* Early childhood stress responses to psychosocial stressors: the state of the science. *Developmental Psychobiology*, [S.L.], v. 64, n. 7, p. 1-35, 5 set. 2022. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/dev.22320>.

BRANNIGAN, Ross *et al.* Childhood temperament and its association with adult psychiatric disorders in a prospective cohort study. *Schizophrenia Research*, [S.L.], v. 216, p. 229-234, fev. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.schres.2019.11.055>.

BRUNI, Antonella *et al.* Childhood adversities are different in Schizophrenic Spectrum Disorders, Bipolar Disorder and Major Depressive Disorder. *Bmc Psychiatry*, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 391-397, dez. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12888-018-1972-8>.

BUKA, Stephen L. *et al.* The Family is the Patient: promoting early childhood mental health in pediatric care. *Pediatrics*, [S.L.], v. 149, n. 5, 1 maio 2022. American Academy of Pediatrics (AAP). <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2021-053509I>.

CALHOUN, Brian H.; RIDENOUR, Ty A.; FISHBEIN, Diana H.. Associations between Child Maltreatment, Harsh Parenting, and Sleep with Adolescent Mental Health. *Journal Of Child And Family Studies*, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 116-130, 28 set. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-018-1261-7>.

CREE, Robyn A. *et al.* Health Care, Family, and Community Factors Associated with Mental, Behavioral, and Developmental Disorders and Poverty Among Children Aged 2–8 Years — United States, 2016. *Mmwr. Morbidity And Mortality Weekly Report*, [S.L.], v. 67, n. 50, p. 1377-1383, 21 dez. 2018. Centers for Disease Control MMWR Office. <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.mm6750a1>.

ELSAYED, Nourhan M. *et al.* Labeling Emotional Stimuli in Early Childhood Predicts Neural and Behavioral Indicators of Emotion Regulation in Late Adolescence. *Biological Psychiatry: Cognitive Neuroscience and Neuroimaging*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 89-98, jan. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bpsc.2020.08.018>.

GOODMAN, Janice H.. Perinatal depression and infant mental health. *Archives Of Psychiatric Nursing*, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 217-224, jun. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.apnu.2019.01.010>.

GORDON, Jessica M. *et al.* Integrating infant mental health practice models in nursing. *Journal Of Child And Adolescent Psychiatric Nursing*, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 7-23, 8 jan. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jcap.12262>

HATEM, Cherine *et al.* Food insecurity and housing instability during early childhood as predictors of adolescent mental health. *Journal Of Family Psychology*, [S.L.], v. 34, n. 6, p. 721-730, set. 2020. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000651>.

HIRVE, Raena *et al.* Effect of early childhood development interventions delivered by healthcare providers to improve cognitive outcomes in children at 0–36 months: a systematic review and meta-analysis. *Archives Of Disease In Childhood*, [S.L.], v. 108, n. 4, p. 247-257, 2 fev. 2023. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/archdischild-2022-324506>.

HJERN, Anders *et al.* Early childhood social determinants and family relationships predict parental separation and living arrangements thereafter. *Acta Paediatrica*, [S.L.], v. 110, n. 1, p. 247-254, 11 maio 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/apa.15322>.

HUBER, Laura; PLÖTNER, Maria; SCHMITZ, Julian. Social competence and psychopathology in early childhood: a systematic review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, [S.L.], v. 28, n. 4, p. 443-459, 10 abr. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00787-018-1152-x>.

JEONG, Joshua *et al.* Parenting interventions to promote early child development in the first three years of life: a global systematic review and meta-analysis. *Plos Medicine*, [S.L.], v. 18, n. 5, 10 maio 2021. Public Library of Science (PLoS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pmed.1003602>.

KAMINSKI, Jennifer W. *et al.* Evidence base review of couple- and family-based psychosocial interventions to promote infant and early childhood mental health, 2010–2019. *Journal Of Marital And Family Therapy*, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 23-55, 16 nov. 2021. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jmft.12570>.

KOPALA-SIBLEY, Daniel C. *et al.* Early Childhood Parenting Predicts Late Childhood Brain Functional Connectivity During Emotion Perception and Reward Processing. *Child Development*, [S.L.], v. 91, n. 1, p. 110-128, 13 ago. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.13126>.

KOSTYRKA-ALLCHORNE, Katarzyna; WASS, Sam V.; SONUGA-BARKE, Edmund J. S.. Research Review: do parent ratings of infant negative emotionality and self :regulation predict

psychopathology in childhood and adolescence? a systematic review and meta-analysis of prospective longitudinal studies. *Journal Of Child Psychology And Psychiatry*, [S.L.], v. 61, n. 4, p. 401-416, 6 nov. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jcpp.13144>.

LOVEDAY, Sarah *et al.* Screening for Adverse Childhood Experiences in Children: a systematic review. *Pediatrics*, [S.L.], v. 149, n. 2, p. 1-12, 24 jan. 2022. American Academy of Pediatrics (AAP). <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2021-051884>.

MOURA, Camila Sighinolfi de *et al.* Estratégias de promoção da saúde na primeira infância: tecendo redes locais. *Saúde em Debate*, [S.L.], v. 46, n. 5, p. 45-56, dez. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042022e504>.

MUSCATELLO, Maria Rosaria Anna *et al.* The wounds of childhood: early trauma subtypes, salience and hyperarousal in a sample of adult psychiatric patients. *International Journal Of Social Psychiatry*, [S.L.], v. 66, n. 1, p. 3-9, 6 set. 2019. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0020764019872227>.

PANDE, Mariana Nogueira Rangel; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho; BAPTISTA, Tatiana Vargas de Faria. Este ilustre desconhecido: considerações sobre a prescrição de psicofármacos na primeira infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 25, n. 6, p. 2305-2314, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.12862018>.

ROGERS, Alana *et al.* Association Between Maternal Perinatal Depression and Anxiety and Child and Adolescent Development. *Jama Pediatrics*, [S.L.], v. 174, n. 11, p. 1082, 1 nov. 2020. American Medical Association (AMA). <http://dx.doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.2910>.

SCATTOLIN, Mônica Ayres de Araújo; RESEGUE, Rosa Miranda; ROSÁRIO, Maria Conceição do. The impact of the environment on neurodevelopmental disorders in early childhood. *Jornal de Pediatria*, [S.L.], v. 98, p. 66-72, mar. 2022. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2021.11.002>.

SCHLENSOG-SCHUSTER, Franziska *et al.* From Maltreatment to Psychiatric Disorders in Childhood and Adolescence: the relevance of emotional maltreatment. *Child Maltreatment*, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 142-154, 25 nov. 2022. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/10775595221134248>.

SILVA, Jerto Cardoso da; FORATTI, Caroline Mendes. Medicalização da infância: produções de sentido sobre o discurso de profissionais de saúde. *Estudos de Psicologia*, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 393-401, 1 jun. 2020. Tikinet Edicao Ltda. - EPP. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190039>.

SPEYER, Lydia Gabriela *et al.* The role of harsh parenting practices in early- to middle-childhood socioemotional development: an examination in the millennium cohort study. *Child Development*, [S.L.], v. 93, n. 5, p. 1304-1317, 25 mar. 2022. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.13761>.

VESCOVI, Gabriela *et al.* Saúde mental na gestação, no nascimento e na primeira infância: análise crítica de políticas públicas brasileiras. *Cadernos Saúde Coletiva*, [S.L.], p. 525-537, 28 nov. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x202230040502>.